

Origens e Heranças dos Povos Pampeanos na Cultura Gaúcha

Comunicação

Luiza Hermes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

luizahermes98@gmail.com

Luciane da Costa Cuervo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

luciane.cuervo@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa feita no âmbito da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) sobre a cultura e desenvolvimento dos povos pampeanos e sua influência na cultura e na música no Rio Grande do Sul. Os pampeanos, formados pelos povos originários Charruas e Minuanos, antes da chegada dos colonizadores no séc. XVI, habitavam regiões que hoje são o Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul, território com o bioma Pampa. Alguns de seus hábitos sobreviveram ao tempo, apesar de seu povo ter sido dizimado enquanto coletivo; por isso, infelizmente, não se encontram registros de músicas feitas por eles. Devido a isso, busca-se encontrar na música popular contemporânea sul-riograndense histórias e informações sobre esse povo assim como relatos dessa ligação com os hábitos ditos gaúchos, de forma a seguir resistindo ao apagamento dessa influência indígena no Sul. Na música tradicionalista gaúcha podemos perceber essas referências, retratando a vida no campo assim como histórias de viagens pelo pampa, histórias essas de uma figura que se relaciona constantemente com os antigos povos pampeanos. Já na música popular contemporânea, cito dois exemplos: Vitor Ramil e a Banda Ultramen, ambos se utilizam de diversas referências da cultura gaúcha tradicionalista e urbana em suas músicas. Ao fim do trabalho é proposto um material didático autoral em forma de quebra-cabeça que ligue informações sobre a cultura dos povos pampeanos às músicas de artistas gaúchos que retratam esses costumes, busco com esse material poder contar um pouco sobre os costumes desse povo e exaltar artistas gaúchos.

Palavras-chave: Educação musical; Povos pampeanos; Cultura sul-riograndense.

Origens e costumes dos Povos Pampeanos

Este trabalho é resultante de uma pesquisa concluída na esfera da graduação em Licenciatura em Música, acerca dos vestígios de musicalidades e cultura dos povos pampeanos. Originada nos estudos sobre o tema Educação das Relações Étnico-Raciais da disciplina Análise

e Produção de Materiais Didáticos em Educação Musical, ministrada pela prof^a Luciane da Costa Cuervo, a pesquisa foi motivada pela curiosidade acerca das manifestações remotas ligadas a povos originários do Sul do Brasil, em especial nas regiões dos pampas.

Essa temática foi escolhida entre outras possíveis, porque dialogava, de certa forma, com as vivências pessoais da autora, considerando sua proximidade com o Movimento Tradicionalista Gaúcho (CTG), através da participação em atividades nativistas. O imaginário do gaúcho passou por um processo de embranquecimento, porém a identidade gaúcha é resultado da miscigenação de hábitos e culturas, além de um processo de aculturação, entre indígenas originários da região, espanhóis invasores, e habitantes que vieram a colonizar o pampa (Mattos; Trindade, 2022).

Tratando-se de uma revisão bibliográfica e análise documental, inicialmente foram investigados se havia registros, resquícios originais, artefatos ou outros tipos de pistas das musicalidades dos povos pampeanos. Contudo, nesta primeira fase do trabalho, foi constatada a lacuna de referências, sejam publicações, matérias ou outros tipos de registros históricos, sobre o tema.

Antes da chegada dos colonizadores, no séc. XVI, os Charrua habitavam regiões que hoje são o Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. Já os Minuanos eram encontrados em maior número no Rio Grande do Sul. Eram povos semi-sedentários (Precht; Timm, 2011), se alimentavam de caça e coleta de frutos, de acordo com a estação do ano e o lugar em que se encontravam. Essa região é conhecida pelo bioma Pampa, tendo sua abrangência ilustrada na figura abaixo.

Figura I: Regiões onde encontra-se o bioma Pampa



Fonte: Blog Bioma Pampa, 2013

A partir do séc. XVIII começou a ocorrer a união desses povos na tentativa de se fortalecerem contra os colonizadores e preservarem seus costumes, dessa união criou-se o apelido "*Gaúcho*" que primeiramente tinha cunho depreciativo. O termo tem origem da palavra "*huachu*", que no dialeto Quíchua significa órfão ou vagabundo (Pereira, 2020).

Os povos pampeanos tinham algumas similaridades e, por isso, sua união se deu a partir de convergências possíveis. Ambos têm sua origem linguística no dialeto Quíchua e eram conhecidos por saberem lidar com gado, serem bons cavaleiros, que utilizavam boleadeiras para caçar e guerrear; trabalhavam bem com couro de boi e tomavam mate (BECKER, 2002).

A Figura do Gaúcho no imaginário do Rio Grande do Sul

Alguns costumes vivenciados pelos povos pampeanos sobreviveram ao tempo, apesar dos relatos de que esses povos teriam¹ sido dizimados enquanto coletivo. A cristalização do folclore gaúcho se deu a partir da criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), onde foram estabelecidas regras e costumes a serem seguidos quanto à vestimenta e competições. Apesar dessas regras terem sido criadas a partir de um imaginário construído coletivamente e de forma miscigenada, por um longo período o gaúcho foi retratado como um homem branco branco e imutável, atendendo aos requisitos do já citado processo de embranquecimento da cultura sul-riograndense.

É interessante mencionar uma das referências iconográficas e artísticas mais marcantes da figura do gaúcho, *O Laçador*. Escolhido em uma seleção há mais de 70 anos atrás, é instigante pensar que os três primeiros lugares foram esculturas de um mesmo artista, Caringi, que reforçava traços brancos e um ideário do homem forte gaudério, de trajes imponentes (Vale, 2024). Contudo, um dos candidatos, Vasco Prado, que ficou em 4º neste mesmo concurso, trouxe uma produção muito provocativa, mostrando os traços indígenas na construção da estética gaúcha (Vale, 2024). Este artista audacioso, filiado ao Partido Comunista, criou um gaúcho indígena, segurando uma lança, e trouxe visibilidade a uma identidade cultural que sofreu forte apagamento histórico: “Dorso nu, chiripá, boleadeira envolvendo a cintura e botas de dedos para fora representando a simplicidade do homem do campo, o gaúcho indígena de Vasco Prado foi batizado de *Gaúcho Farrapo*” (Vale, 2024, s/p.).

¹ Fala-se que esses grupos “teriam” sido exterminados pois atualmente reconhece-se a existência de alguns grupos vivendo em estruturas tribais que afirmam ser legitimamente Charrua (Silva, 2008; Hilbert, 2009 apud. Garcia; Milder, 2012).

Figura II: Gaúcho, de V. Prado



Fonte: Website do Museu de Artes do Rio Grande do Sul, 2024.

Podemos identificar nas competições em rodeios campeiros alguns dos costumes vivenciados pelos Pampeanos, onde envolvem-se numerosos grupos sociais nativistas interessados nas mesmas demonstrações de habilidades: prova de rédea com cavalo, tiro de laço, gineteada, entre outras. Esse tipo de prova remete às habilidades na lida do campo com os animais, algo pelo qual os Charrua e Minuano eram conhecidos por fazer majestosamente.

A Cultura Expressa na Música Popular Contemporânea

Devido, portanto, à falta de fontes de pesquisa pela extinção violenta destes povos indígenas, e à falta de documentos falando sobre a musicalidade dos mesmos, buscou-se encontrar na música contemporânea relações possíveis com a cultura e costumes dos Pampeanos.

Na música tradicionalista gaúcha podemos perceber referências aos costumes que ainda hoje são seguidos, principalmente sobre a lida no campo com os cavalos. Retrata-se

também histórias de gaúchos que viajam pelo pampa, suas histórias de amor e luta, mitos e rituais, histórias essas de uma figura que se relaciona constantemente com os costumes dos antigos povos pampeanos. Como explica Rodrigues (2001), é possível perceber uma influência platina nas letras com a utilização do "espanholismo".

Na música popular atual também podemos encontrar essas referências, dois exemplos são: *Vitor Ramil* e a *Banda Ultramen*. *Ramil* tem um trabalho de pesquisa expresso em um de seus CDs, onde buscou retratar mais especificamente a região sul do estado do Rio Grande do Sul, conhecida como Campos Neutrais. A região era conhecida por ser uma zona neutra entre Espanha e Portugal e, por isso, muito miscigenada (Ramil, 2017).

Já a *Banda Ultramen* utiliza-se de diversas referências da cultura gaúcha tradicionalista e urbana em suas músicas, inclusive da música tradicionalista. Um exemplo dessa mistura é a canção "Peleia"², que traz uma citação direta da canção interpretada por *Joca Martins* intitulada "Não Podemos se Entregá Pros Home"³. *Martins* canta sobre a luta e perseverança do povo gaúcho ao longo da história, assim como temos relatos dos povos Pampeanos que persistiram contra os invasores. A *Banda Ultramen* também traz essa ideia de perseverança, mas não mais para o homem do campo, mas sim para aqueles que estão à margem da sociedade em ambientes urbanos do RS, lutando por seus direitos e por sua cultura.

Durante a pesquisa, também foram encontradas três canções que falam sobre a boleadeira, objeto composto por três pedras amarradas normalmente com couro de animais, formando uma arma de caça e de guerra, arma essa que foi muito utilizada pelos povos Pampeanos. As canções do artista *Gujo Teixeira*, foram feitas, segundo o próprio, uma para cada pedra. Elas contam a história de como foram encontradas e questionam sobre os lugares e mãos que aquelas pedras passaram, podendo ter sido utilizadas pelos próprios Charrua e Minuano.

² Link para a música: <https://www.youtube.com/watch?v=9ILd-0t3NO4>

³ Canção composta por Humberto Zanatta, Francisco Alves e Francisco Scherer. Link para a interpretação de Joca Martins: <https://www.youtube.com/watch?v=3H8Y4Z5UKDQ>

Além de terem relação com os povos Pampeanos, as canções sobre a boleadeira tem se relacionado diretamente com a vida da autora, tendo ela mesma uma das pedras da boleadeira em sua casa, pedra essa que foi encontrada pelo seu pai nos anos 1980, na cidade em que cresceu no interior do RS. É comovente pensar na ancestralidade indígena desses povos originários em terras hoje ocupadas por famílias descendentes de colonizadores humildes de tempos remotos.

Figura III: Pedra de boleadeira encontrada no interior do Rio Grande do Sul



Fonte: Arquivo pessoal.

Proposta de Material Didático

Após uma pesquisa sobre os costumes dos povos Pampeanos e a relação dos mesmos com a cultura e a música do estado do RS, propõe-se um material didático em forma de quebra-cabeça, no qual os alunos devem relacionar informações sobre os Charrua e Minuano com letras de músicas populares contemporâneas.

Para isso, primeiramente a autora lista alguns artistas conhecidos por ela que já sabe ter letras de canções que falam sobre o estado do RS, para só então se debruçar sobre as

músicas lançadas por eles, buscando relacionar as letras com as informações obtidas através da pesquisa sobre os costumes dos povos Pampeanos.

Por fim, foram escolhidas cinco canções de diferentes artistas, decidindo-se formar um quebra-cabeça para cada canção. São elas:

Tabela I: Canções escolhidas para formar os quebra-cabeças.

Título	Artista(s)
A Pedra da Boleadeira	Gujo Teixeira
Chimarrão	Vitor Ramil
Meu Pingo	Luiz Marengo e Jayme Caetano Braun
Não Podemos se Entregá Pros Home	Joca Martins
Peleia	Ultramen

Além de um pequeno trecho de cada canção, utiliza-se um código QR em cada quebra-cabeça para que o aluno possa escaneá-lo e ser redirecionado à plataforma YouTube para escutar a canção, fazendo com que, além de aprender sobre os costumes dos povos Pampeanos, possa ser feito um momento de apreciação musical na aula.

Ao todo, foram criados cinco quebra-cabeças, com duas peças cada, todos tendo o mesmo formato para que o aluno seja instigado a ler para poder relacionar as peças corretamente. Ou seja, é através do conteúdo, e não da forma, que o resultado do jogo se organiza. A seguir, estão as imagens de como ficam os quebra-cabeça:

Figura IV: Quebra-cabeça I

Voava de rumo e vento
Fazendo um zum pelo rastro
Quando pegava era um
tombo
Quando cruzava era pasto

Pra bolear potros velhacos
Bem antes dos alambrados
A pedra da boleadeira
Tem ressábios do passado

**A Pedra da Boleadeira -
Gujo Teixeira**

A boleadeira foi criada como arma de caça mas também foi utilizada pelos povos pampeanos nas guerras que participaram. São três pedras amarradas a uma corda ou couro e que ficam ligadas entre si. As pedras eram lançadas nas pernas do alvo onde se enrolavam causando o tombo do mesmo.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura V: Quebra-cabeça II

Foste bebida selvagem
E hoje és tradição,
E só tu, meu chimarrão,
Que o gaúcho não
despreza
Porque és o livro de reza
Que rezo junto ao fogão

Chimarrão - Vitor Ramil

Os Charrua eram conhecidos por beberem mate e herdaram esse hábito dos Guarany. A bebida é feita com a planta erva-mate moída e água quente e é servida em uma cuia.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura VI: Quebra-cabeça III

O pingo do meu arreio fui eu mesmo
que domei
Arrocinei, enfrenei, no estilo do
pastoreio
Mestre de cancha e rodeio, gateado
de toda crina
Fogo aceso na retina, que jamais
apaga o brilho
É o cavalo que eu encilho, nos dias
de ver a china

**Meu Pingo - Luiz Marenco,
Jayme Caetano Braun**

Os Charua eram conhecidos por
saberem lidar com gado e serem
bons cavaleiros. A partir do momento
em que tiveram contato com os
cavalos (que foram trazidos pelos
colonizadores) criaram uma boa
relação com os mesmos,
aprendendo a domá-los de forma
não violenta e criando um forte
ligação com os animais.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura VII: Quebra-cabeça IV

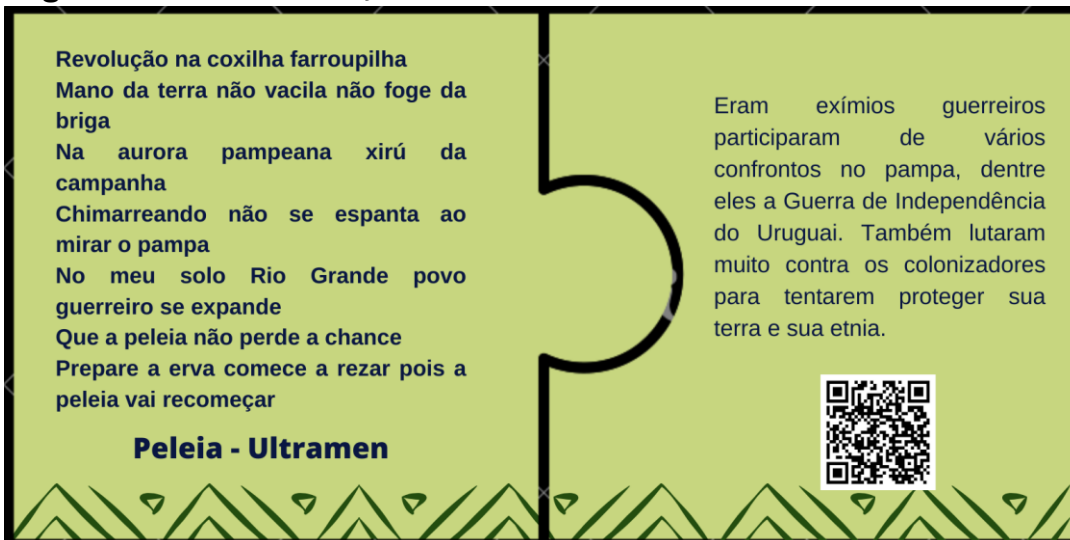
Não podemo' se entregá' pros home'
Mas de jeito nenhum, amigo e
companheiro
Não tá morto quem luta e quem
peleia
Pois lutar é a marca do campeiro

**Não Podemos se Entregá Pros Home
- Joca Martins**

A partir do séc. XVIII começou a
ocorrer a união dos povos Charrua
e Minuano na tentativa de se
fortalecerem contra os
colonizadores e preservarem seus
costumes. Os Charruas lutaram
veementemente e ficaram
conhecidos por não terem se
submetido a colonização europeia

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura VIII: Quebra-cabeça V



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta pesquisa e produção de materiais didáticos demonstraram que o conteúdo, mesmo que não tenha fontes históricas acessíveis, é viável. As musicalidades dos povos pampeanos, a partir da testagem do material em sala de aula, conquistaram o interesse do público e promoveram a EREER a partir das conexões estéticas e culturais dos repertórios musicais e povos Minuano e Charrua.

Referências

A Pedra da Boleadeira. Intérprete: Gujo Teixeira; Mauro Moraes. Compositor: Gujo Teixeira; Mauro Moraes. *In: Verseador*. Intérprete: Gujo Teixeira. Flor y Truco Produções, 2017. 1 Álbum, faixa 7 (4min e 51s).

BECKER, Itala Irene Basile. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. Editora Unisinos, 2002.

Chimarrão. Intérprete: Vitor Ramil; Carlos Moscardini. Compositor: Vitor Ramil; João da Cunha Vargas. *In: délibáb*. Intérprete: Vitor Ramil. Satolep Music, 2010. 1 Álbum, faixa 2 (4min e 34s).

GARCIA, Anderson Marques; MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. Particularidades históricas e culturais dos Charrua e dos Minuano do Pampa Sul-americano. *Revista Digital Estudos Históricos*, n. 8, p. 8-10, 2012.

MATTOS, Maria Joana Mayer de; TRINDADE, Rogério Vanderlei de Lima. A ocultação de representações negras na iconografia histórica rio-grandense. *In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 31., 2022, Pelotas. *Anais*. Pelotas, 2022.

Meu Pingo. Intérprete: Luiz Marengo. Compositor: Jayme Caetano Braun; Luiz Marengo. *In: Pra o Meu Consumo*. Intérprete: Luiz Marengo. Usa Records, 2018. 1 Álbum, faixa 7 (4min e 19s).

MUSEU DE ARTES DO RIO GRANDE DO SUL/MARGS. *Catálogo de obras*. Porto Alegre, Governo do Estado do RS, 2024. Disponível em: <<https://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/V/42468/>>

Não Podemos Se Entregá Pros Home. Intérprete: Joca Martins. Compositor: Francisco Alves; Francisco Scherer; Humberto Zanatta. *In: Clássicos da Terra Gaúcha*. Intérprete: Joca Martins. Usa Records, 2004. 1 Álbum, faixa 7 (4min e 50s).

Peleia. Intérprete: Ultramen. Compositor: Antônio Carlos Knebel Crocco; AYN Participações Ltda; Carlos Cristiano Gonçalves; Fabio da Silva Dias; Fabio de Albuquerque Maffioletti; Lilian Carolina de Macedo Tito; Luis Henrique Marques da Silva; Robson Leonardo Marques do Amaral. *In: Olelé*. Intérprete: Ultramen. Rockit!, 2000. 1 Álbum, faixa 12 (4min e 46s).

PRECHT, Anna Liza; TIMM, Carolina. A saga dos índios Charrua: Uma retrospectiva histórica da etnia pampeana até a sua dizimação. *Revista Eletrônica de Jornalismo Investigativo*, maio de 2011. Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/charrua.html>>.

PEREIRA, Marcelo. *Charruas, Minuanos e Guaranis – Os Povos e as Bebidas Ancestrais Do Pampa*. Mixology News, 23 de Out. de 2020. Disponível em:

<<https://mixologynews.com.br/10/2020/biomas-do-brasil/charruas-minuanos-guaranis-pampa/>>.

RODRIGUES, Elaine Maria Gracioli. *A INFLUÊNCIA PLATINA NA MÚSICA GAÚCHA*. Disciplina de Técnica de Pesquisa em Letras, UFSM, 2001. Disponível em:

<<http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2015%20PDF/a%20influencia%20platina.pdf>>.

RAMIL, Vitor. *Campos Neutrais*. Rio Grande do Sul: Satolep Music, 2017. 1 CD. Disponível em: <<https://loja.vitorramil.com.br/cd-campos-neutrais-pre-venda>>.

VALE, Karina. Conheça a escultura do gaúcho indígena que concorreu com "O Laçador" há 70 anos. Porto Alegre, *Jornal Zero Hora*, 03/08/2024. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2024/08/conheca-a-escultura-do-gaicho-indigena-que-concorreu-com-o-lacador-ha-70-anos-clzbneg8l00ls0l27l cja0dkz.html>>.